

# ENTRE LÁ E CÁ...: VOZES DE MULHERES NAS INTERAMAZÔNICAS <sup>1</sup>

Geórgia Pereira Lima<sup>2</sup>

## Resumo

O foco desta comunicação é apresentar experiências sociais de entre-lugares fronteiriços de uma mulher do coletivo de mulheres que habitaram a fronteira Brasil–Bolívia (1970 a 2014). Este espaço geopolítico de fronteiras interamazônicas revelam trânsitos e experiências de vidas que expõem elementos complexos de interações conflituosas e permitem analisar as recriações do universo social, cultural e conflitos velados a partir dos deslocamentos de famílias brasileiras, desde antes da década de 1970, representando uma situação de circulação e trocas (LIMA, 2014). Visando compreender através da oralidade (PORTELLI, 2010), como a unidade produtiva dos castanhais bolivianos se constituiu como um dos marcos, sobretudo, de conflitos “velados” nesta fronteira interamericana. Assim, a colocação de seringa e o castanhal se manifestam como unidades produtivas, mas, também podem ser vistos como elementos de contato e conflito. Portanto, é no mundo de entre-lugares amazônicos e das fronteiras fluídas apresentadas pelas memórias de homens e mulheres constituídas individual e socialmente que permitem analisar temporalidades de intercâmbios e conflitos, onde contínuo e descontínuo fazem parte de sentidos de vidas, sobressaindo daí evidências de (re)construções de fronteiras simbólicas que expõem os desafios ao universo acadêmico para entender e (re)interpretá-las em razão das complexidades do vivido e das perspectivas dos sujeitos nos contextos contemporâneos..

**Palavras-chave:** Narrativa 1; Experiência 2; Fronteiras interamazônicas 3;

## Introdução

As questões sociais ocorridas no corredor fronteiriço pandino, a partir de 2009, contextualizam “deslocamentos dos trabalhadores brasileiros além- fronteiras [...] sob a lógica do extrativismo da borracha, [...] “brasivianos”, a partir da década de 1970 [...] seguiram rumo aos seringais [...] Bolívia, às margens dos Rios Abunã e Acre” (LIMA, 2014, p. 126).

Assim, experiências sociais de famílias brasileiras em seringais bolivianos, particularmente a narrativa (PORTELLI, 2010) de Francisca Pinheiro Pinto, foco deste estudo, expõem às margens dos rios acreanos como fronteiras flexíveis, fluídas Bauman (2001) das entre amazônias latinas sendo possível entrever entre as narrativas de mulheres deslocadas, uma, que dar um sentido e resignificado do espaço compartilhado do “abunã”.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático [Povos e Comunidades Tradicionais: desafios da oralidade] durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo. Texto é parte dos estudos realizados de por Geórgia Pereira Lima, “Brasivianos” : culturas, fronteiras e identidade. Universidade de São Paulo, 2014.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Acre. Doutora em História Social na Universidade de São Paulo, Usp, 2014. E-mail: georgia.lima@ufac.br

Portanto, a narrativa de Francisca expõe a flexibilidade da fronteira do rio abunã como um espaço dos entre-lugares amazônicos constituídos socialmente que permitem analisar temporalidades de singularidades, mas também de conflitos, onde contínuo e descontínuo fazem parte de memórias que deram sentidos de vidas em trânsitos fronteiriços.

## 1. Narrar uma experiência entre margens fluidas

Mas, como é apresentada a narrativa e a narradora?

*“É isto a vida”*. Com esta frase Francisca Pinheiro, uma senhora de 46 anos de idade, ex-moradora da colação Igarapézinho, na região do Igarapé Rim, um dos interstícios fronteiriços entre Brasil e Bolívia, sintetiza sua experiência de vida como a visão do presente. Reconhecer a voz desta mulher como sujeito protagonista de uma história é perceber, nas fissuras das temporalidades do vivido, as possibilidades de compreender a dinâmica social das fronteiras interamazônicas para além do mapeamento geopolítico. (LIMA, 2014, p. 135)

Francisca Pinheiro Pinto, uma mulher e senhora, é identificada a partir do seu lugar social fronteiriço que sentada na salinha de sua casa em um banco de madeira, móvel que trouxe no momento do retorno do Brasil (2013). Ao contar sua experiência o “banco” serviu de referência nas entre-memórias e representou como um articulador entre o tempo de recordar para expõe os estágios de vidas dialogando desde o ato de nascer, crescer, casar experiências vividas em seringais bolivianos na região de Pando-BO.

A narrativa “circunscreve o lugar social de experiência na região entre o Estado do Acre e o Departamento de Pando, sinalizam para uma representação coletiva de sujeitos” (LIMA, 2014, 89) que demonstra sua percepção sobre si e do lugar. Ao procurar dar sentido a identidade nacional brasileira de mulher deslocada, uma fronteiriça em terra (des) conhecida, que o lugar da experiência do nascimento até o casamento “[...] passei apenas três meses fora de lá, me casei e voltei” é representante de um espaço de vidas entre-partidas em que o ato de casar pareceu ser uma porta de saída e retorno ao mesmo lugar que parecia, agora, (des)conhecer.

Em sua narrativa a aparente insatisfação pessoal por haver passando “toda” uma vida invisível, desconhecida que a faz transportar para a situação social daqueles outros sujeitos que compartilhavam, com ela, a circunscrição de uma terra (des) conhecida. E, as questões sociais impostas e que implicavam um viver em trânsito condicionavam esta mulher numa identidade instável ali, dentro de um seringal boliviano onde havia crescido e aprendido a ser chamada de Francisca, “não me sentia bem não!”.

Ao materializar em palavras suas memórias das experiências que havia passado reivindicava uma “vontade de vim embora direto” denunciando uma angústia de viver no

entre-lugar, onde a ideia de vizinhar se caracterizava pelo tempo gasto entre sua casa e a mais próxima que “era umas duas horas de caminhada ou menos de barco”.

Entretanto, não deixa de ressaltar os ecos de solidariedades que evidenciou “a gente cuidava um dos outros” reconstituindo nas malhas finas de uma memória fugidia ao olhar por uma pequena janela o espaço vazio do campo onde se encontra, apesar da distância aqueles homens e mulheres que construíram entre si redes de auxílios mútuos, como no campo do trabalho através do “adjunto para colocar roçado”, horas de trabalho compartilhadas para assegurar a sobrevivência de outras famílias.

Em outras ocasiões, como o nascimento de seu filho “quem me assistia era alguma pessoa que aparecia, alguma mulher que tinha por lá ajudava” e, mesmo quando as lembranças retrataram situações de haver uma forma de animação pela embriagues “uns bêbados, isso que pra mim... era tristeza” há uma conotação de pesar, mostrando que as condições humanas ali representadas por um bêbado era algo digno de ser reconhecido como a dignidade social e sua percepção acerca das circunstâncias de vida naquele lugar.

Assim, Francisca ao fazer uso da memória como aporte de pensar o passado, refletia as condições do trabalhador vencido pelo abandono de todas as ordens sociais na representação do bêbado. A conotação do sentimento de “tristeza” em sua narrativa permite refletir, entre os segundos que a memória percorreu para lembrar-se, os episódios cotidianos colocados como “animação” e a condição social humana naquela fronteira.

Para demonstrar em seguida que viver naqueles espaços fronteiriços dos rios Abunã, Curixão, Mamu, Igarapé Rim ou mesmo o Rio Acre lugares invisíveis de seringais e colocações é preciso ser alguém de perspicácia e coragem para o trabalho, ela mesma “trabalhava em todo serviço” com exceção das “derrubadas para botar roçado”.

Assim, Francisca constrói sob a perspectiva da ação do trabalho a emancipação de mulheres atuantes nos seringais e colocações em terras bolivianas, para além das atividades implícitas aos afazeres da dona de casa. Ela provoca neste momento uma atenção especial para o trabalho que realiza em benefício do seu núcleo familiar pois, “brocava, roçava, colocava roçado, plantava e colhia o que plantava para comer (legumes, feijão, milho, arroz). E às vezes eu cortava e ia colher estrada de seringa” fala com satisfação do seu trabalho de mulher, e ainda “quebrava castanha”.

Se por um lado sua vida de luta e sobrevivência naquele espaço era visto como sinônimo de vencer as diversidades socioculturais, Francisca descrevia como as ações de uma mulher que precisam ser enaltecidas através de suas atividades e do trabalho que permitiu a

família dignidade. E no momento, também expôr, sua fragilidade “para o fim eu já não estava aguentando”, no cotidiano “sentia-me cansada, doente, cheia de problema de saúde”. Naquele instante, ensinava através de sua própria fragilidade a refletir as diversas outras situações de mulheres, iguais a Francisca nos seringais bolivianos, como: esposas, mães, seringueiras e castanheiras haviam colocado parte de sua força de trabalho na luta pela sobrevivência familiar.

Ao se referir de seus problemas de saúde não julgou o Estado burguês brasileiro que havia lhe conduzido àquela situação de extrema vulnerabilidade social, mas, colocava sob si mesma a responsabilidade pela “extravagância que eu fiz na vida no seringal”. E, ali caracterizou cada momento de sua vida para refletir essa extravagância “tive muitos filhos, e... trabalhei muito nesta vida. Paria e nunca tive muito resguardo [...]”. Assim, essa mulher sendo colocada na posição de marginalizada, não se deixou marginalizar, sendo uma despossuída assumiu o trabalho para valorizar sua experiência.

Em plena necessidade de regressar ao seu país (Brasil), tecendo nos sentidos das lembranças ainda não sabia dizer o que representava viver na fronteira “lá no seringal da Bolívia eu me sentia assim, não sei nem como explicar...”. O silêncio ou a ausência da palavra que não saiu de sua boca para explicar o sentido daquela vida, não era mais preciso. Ela havia percorrido um caminho e estava ali sentada reconhecendo os passos realizados, não se ressentindo da angustia que transfigurava ao assumir uma expressão no rosto, apenas um sorriso dizendo olhando atenta “não sei nem como explicar...”.

Um instante como um “lapso” de entre-memórias como se recobrasse por segundo o que estávamos fazendo ali “mais meus filhos, as crianças gostavam de lá”, e ao contar as lembranças de seus filhos no lugar distante “Igarapézinho” seus olhos pareciam saltar para o quintal de mato batido e barro branco, dizendo que eles “passavam a maior parte do tempo brincando, assim na mata [...] nem me preocupava eles sabiam como ninguém andar na mata, lá vinham eles com um varal de peixe”.

A referência da floresta como espaço para brincadeira das crianças, mas, também como espaço de sociabilidade e aprendizagens “saíam para caçar, pescar, remar na canoa e pegar peixe” num tom de “naturalidade” do vivido tece uma correlação entre homem e natureza que desde tenra idade é aprendido numa relação de sustentabilidade.

Romper com as razões criadas no cotidiano da própria vida na floresta constituída no fazer das crianças entre a continuidade e descontinuidade da família ali naquele lugar chamado Igarapézinho seria uma decisão de vidas, pois, “quando se falava em vim pra cá, pro

Brasil” a reação dos menores era implacável carregada de questionamentos que naquele momento só podiam ser respondidos com negativas vagas.

O interessante que Francisca vez um diálogo sozinha, lembrando as interrogações dos filhos e suas respostas parecem não haver convencido aqueles que tinham aprendido a lidar com a floresta “há mãe não quero ir embora não, não quero ir para um lugar sem nada”. Sem saberem ou entenderem que este “lugar sem nada” era para onde a mãe sempre quis estar o Estado do Acre-Brasil, do outro lado da margem daquela fronteira.

Agora circunscritos ao Projeto de Assentamento Triunfo, zona rural do Município de Plácido de Castro, um campo devastado de terra seca não tem as mesmas referências da floresta a que estavam acostumados “eles chegam agora pra gente e dizem que tem vontade de pescar, comer peixe, caçar [...] aqui ninguém come isso”. Embora, sendo uma área rural as regulações legais para a caça e a pesca impedem os sujeitos de continuarem seus hábitos adquiridos na experiência da floresta boliviana “eles nasceram e se criaram lá e..., eles sentem falta disso tudo, da vida na mata”.

Ao nascer e crescer aprendendo um viver “tranquilo” em meio à floresta “eles estranham só tem aquele matozinho ali” apontando para os arbustos retorcidos. Diante do novo aprendizado entre o urbano-rural do município de Plácido de Castro as crianças que não sabiam fazer nem o nome já começaram e juntar as letras e ler uma palavra, isso é melhor.

Portanto, é com base no cotidiano que a memória de Francisca articula o ontem e o hoje das ações vividas e manifestadas, e ainda, estabelece parâmetros de comparações entre sua experiência de vida constituída nos seringais bolivianos e a reorganização de sua vida no PA Triunfo, tendo agora consolidado o sonho da terra ao ser proprietária de um lote de terra, a casa e a condição dos estudos dos filhos.

## 2. “Bolivianos estavam presentes”

Uma pausa na nossa conversa. Francisca queria fazer um café, mas não tinha água, mesmo assim senti necessidade de deixa-la à vontade, até ali havia uma confusão de mensagens que parecia solicitar que parássemos. Ao me afastar observei que ela voltou a casa e pegou uns grãos chamando a criação de galinhas e pintos, jogou no terreiro. Resolvi voltar e começar, ali mesmo, a conversa.

Olhando a criação, parte tinha vindo da Bolívia “escondida”, ela começou a narrar “para o final é que as coisas ficaram ruins... Não a terra para morar, nós tínhamos nossas coisas e vivíamos bem”. Começou a se referir ao momento mais crítico dos conflitos velados

na fronteira, a partir de 2007 quando a imprensa, local e nacional, começou a publicar a situação dos brasileiros na Bolívia.

As recordações traduzidas em verbo por Francisca dar conta de que desde início, os “bolivianos estavam presentes” sinalizando que esta fronteira também pode ser considerada como um espaço da zona de contato entre sujeitos de histórias diferentes, constituindo um cenário onde os encontros e desencontros culturais são possíveis de serem identificados.

Embora, a situação vivida a partir de 2007, ao articular como as memórias do passado apresentavam diferenças nas formas de ações “não chegavam assim e nem invadiam o lugar dos brasileiros”. No passado os símbolos de convivência “pacífica” se manifesta no viver “ali junto com a gente um tempo e ia embora”, demonstrando o caráter nômade presente pelas estadas temporárias de bolivianos nas proximidades. O que mudou?

Os interesses do passado se chocam com as intenções de um presente conflituoso nos espaços fronteiriços dos rios e igarapés desta região “começaram a invadir os castanhais” manifestando as mudanças geopolíticas dos espaços interamericanos e amazônicos do início do século XXI. Na base dos enfrentamentos vividos entre trabalhadores brasileiros e bolivianos nos seringais e colocações da região pandina a invasão dos “castanhais” torna-se o artifício materializado para provocar o incomodo social de ambos os trabalhadores latinos e despossuídos.

Francisca demonstra entender a situação e as circunstâncias imposta no presente ao descrever com sua sabedoria, aponta a partir do seu cotidiano os castanhais, a unidade econômica de homens e mulheres brasileiros/sd daquela fronteira como o elemento de onde incidiu os conflitos divulgados pelos veículos de comunicação local e nacional. É do campo social das relações entre sujeitos que Francisca expõe as questões que implicam o presente daquela área fronteira como: território – fronteira e Soberania Nacional intrinsecamente, questões essas ligadas ao próprio processo de retorno de famílias brasileiras para o Estado do Acre –Brasil.

Aquela mulher, ao descrever a chegada aparentemente descompromissada de bolivianos nas colocações onde habitavam famílias brasileiras, sem antes denota certo preconceito outro “alguns que chegavam era meio nojentos”, expresso na ação praticada por aqueles sujeitos “eles chegassem assim e, topasse um roçado eles já mexiam”.

Ao procurar dar um sentido aquela chegada incomoda pelo ato do domínio da “colocação” e de apossar de produtos do trabalho de homens e mulheres brasileiras, reafirma:

“mexendo mesmo”. Embora o tom preconceituoso do primeiro momento ainda se misture com o entendimento daquele “encontro”, esta mulher demonstrou compreender que “mexer” fazia parte do modo de vida nômade apresentada pelos bolivianos.

Na tentativa de explicar esse modo de agir do “outro” que chegava, deixa explícito que os sujeitos do primeiro momento as questões de território e fronteira, “eu não acho que isso acontecia porque eles achavam que o lugar pertencia a deles não”, mas deduz na sua apreensão que “eles são loucos por macaxeira, milho verde e alguns plantam outros não”.

Assim, é na dimensão do vivido que Francisca aponta para uma lógica do encontro de culturas na dimensão cotidiana, aqui as questões postas possibilitam perceber que o estranho ato de “mexer” envolve pensar o modo de vida e a base da alimentar daqueles sujeitos e, os colocavam naquela posição de agregados indesejáveis.

Negar a insistência de Francisca que não aceitava a ideia desses primeiros sujeitos chegados fosse uma questão política territorial seria deixar de perceber os ensinamentos que a experiência social naquela área de fronteira facultou a esta mulher quando revendo seu posicionamento diz “de repente pode até ser que eles mexiam porque pensavam que o lugar pertencia a eles”. Esta mulher entendeu que aqueles agregados indesejáveis do passado não deveriam ser codificados diretamente como base explicativa para os acontecimentos atuais de conflitos na fronteira.

Em sua narrativa, o tempo reconstruído sob a trama do cotidiano é expresso na memória entre o vivido e o estabelecido pelo pacto social nos interstícios amazônicos e interamericanos desta região fronteira quando “as coisas pioram de um tempo pra cá, uns cinco anos”, quando as ações de “novos” sujeitos que chegavam, diferentes dos atos praticados dos encontros passados pois, estes “começaram a invadir os castanhais”.

Agora, a referência da invasão dos castanhais demonstrava outros fatos, a fogueira ardente das novas ações desses sujeitos levou Francisca revelar que seu cotidiano mudara e, ela traduz numa noção de fronteiras em conflitos, esses outros bolivianos “chegavam ao local dos outros, assim dos brasileiros, quebrando a castanha mesmo [...] muito diferente”.

É neste contexto que se insere nesta fronteira e se torna visível no plano político diplomático provocado por questões aparentemente ausentes nas explicações que no cotidiano de Francisca se misturava como outras histórias de famílias brasileiras deslocadas “algumas pessoas contavam pra gente que os bolivianos estavam invadindo as colocações, terras de

brasileiros”. Aflorando reconhecer que as mudanças no cenário político–econômico que implicaram a região interamericana dos espaços amazônicos onde se habitou “pacificamente”.

Isso implica pensar que o cotidiano expõe diferente formar de representar as temporalidades diferenciadas de enfrentamentos pois, “ficamos lá até agora e tudo bem” e nos momentos de maior contato se manifestam como expressão de enfrentamentos “o chefe deles comprava nossa castanha, porque eles chegaram até proibir da gente de vender castanha para o comprador brasileiro” diferenciados no tempo.

Neste momento presente entre ditos e não ditos Francisca revela um indício de estranhamento ao refletir a visão que bolivianos tinham dos brasileiros moravam e trabalhavam em suas terras quando diz: “eles [...] inventaram de uma comunidade para nós os brasileiros que morávamos na Bolívia - ‘Comunaro’”. Para esta mulher algo estava fora do lugar, os brasileiros que moravam na Bolívia não podiam ser considerados sujeitos imaginários ela, sua família e as outras famílias brasileiras eram reais não uma comunidade imaginária. Aqui, se percebe os limites da visão do cotidiano na compreensão de abstrações de terra – território – nação e povo.

O estranhamento de Francisca quando a compreensão do outro quanto à situação contraditória entre nação e nacionalidade que a permanência de famílias brasileiras em território boliviano expõe a ideia de uma comunidade imaginária “inventada” demonstra que o condicionamento do lugar enquanto entreposto de posse da terra para existência de um povo colocou em xeque a identidade “brasiviana”.

As famílias brasileiras, particularmente, Francisca havia morado uma vida em território boliviano, aparentemente o cotidiano lhe aparentava tão natural uma vez que suas relações e contato com os bolivianos eram mínimas, a língua ou a linguagem para revestir as apropriações de coisas e lugares nunca foi tão importante como agora. Aquela palavra suave estranha, mas, era “na língua deles, comunaro” um termo desconhecido a Francisca.

Neste contexto a língua e a linguagem como elementos de construção identitária permite considerar três situações explicativas a esse estranhamento da experiência de brasileiros nesta fronteira: a) no início da presença brasileira em território boliviano eram raros os contatos; b) as relações cotidianas intensificadas pela presença de bolivianos em áreas urbanas permitiam forjar o “portulhol” gerador de entendimento entre sujeitos e; c) a mudança demográfica do vazio meio rural da fronteira do Departamento de Pando–BO das décadas antes de 1980 para o povoamento intensificado a partir de 1990.

Nesse sentido, a língua em se admitindo o “portunhol” falado nesta fronteira nos espaços urbanizados a exemplo de Brasiléia e Cobija, um elemento de integração entre sujeitos, neste momento se revelou em área rural, colocação Igarapézinho, também, revela ao algo despossuído de uma ação integradora em razão de alguns termos se revestirem de conotações diferente do cotidiano daqueles sujeitos.

Que mudanças estão ocorrendo na Bolívia que justifique esses enfrentamentos? Isso implica pensar a conjuntura social, político e econômica da Bolívia que neste momento que coloca em movimento uma quantidade expressiva de trabalhadores despossuídos dos meios de produção em direção à fronteira. Assim, complexa situação provocada pelos “novos” sujeitos procede de diversos lugares da Bolívia: “Santa Rosa, vinha de Guajará, de Cobija”.

Aqueles “novos” sujeitos são descritos como uma pequena organização de trabalhadores com um propósito de disputar os espaços interamericanos da antiga colocação de seringal. O “castanhal” se constitui, agora, como uma unidade produtiva. Havia sido uma forma de assegurar as famílias melhores condições de vida se revestiu na tensão do retirante e com “olhar” firme diz... “quando chegamos nesta casa [...] lá pelas 19h e chovendo, o carro [...] jogaram as nossas coisas tudinho ai.”. O tempo é suprimido para dar vazão ao acontecimento da chegada a casa onde foram colocados “tudo” que havia trazido.

Portanto, o late entregue pelo INCRA/Ac estava tomado de “braquiara”. A terra que na década de 1980 representava o seringal Triunfo havia passado por uma série de transformações<sup>3</sup> desde a pecuária extensiva durante o processo de convenção do modelo agropecuário desenvolvidos no Estado do Acre, agora destinado a assentar parte das famílias brasileiras em retorno. Esta mulher sabia que requeria árduo trabalho por parte dos novos moradores “[...] peguei o terçado [...] broquei [...] agora tudo limpo, já se plantou”. Este trabalho inicial não era desconhecido de Francisca.

### **3. Uma sabedoria que aponta novos começos...**

O retorno se tornou uma oportunidade para um balanço daquele momento, demonstra como Francisca analisou as condições do campo acreano para o produtor rural. As perspectivas são recapituladas no tempo da chegada “chegamos aqui em novembro/2011” numa propriedade que a água se tornou um elemento gerador dificuldades as diversas outras atividades de produção.

---

<sup>3</sup> Projeto de Assentamento Triunfo, INCRA/Ac, 1989.

Uma vez que o “igarapé que passa ai atrás de casa, mais seca e a agua dele não presta pra nada” as tarefas mais simples “lavar as coisas [e fazer uso]” torna-se um problema pois, “é uma agua cheia de ferrugem” precisando fazer uma caminhada de “uns cinco minutos” para obter água potável para “beber e fazer a comida e as coisas de casa”, a esperança é um poço que atenderá a família, mas, nesse momento não atenderá “não temos luz para colocar uma bomba e puxar agua”. Contudo, volta e lembra que agora, proprietária de sua terra que servirá para plantar “a roça e banana dar pra viver”.

Ao ampliar o “olhar”, contextualizou em sua narrativa a maneira de entrever sua situação envolvendo outras famílias assentadas no PA Triunfo, descrevendo outros/as iguais que retornaram no mesmo período “eu vejo ai os outros, [...] aqueles que não têm ainda plantio” afirmando que “uns é por que não gostam”, mas o fato é “não temos costume de plantar nessa época, em maio, é que se plantava a roça no seringal”. O tempo do plantio se torna sinônimo de continuidade pois, mesmo não sendo a época propícia “plantamos por que não tem outra coisa para fazer”. Percebe-se que presente – passado – presente são temporalidades que se misturam na narrativa para dar sentido às marcas da reposição no mundo agrário acreano.

Neste cenário do retorno e reposicionamento social, Francisca entrever “outros não vão se acostumar aqui”, já existem murmurações de conversar que “muitos vão abandonar e vão voltar pra Bolívia”. E existem ainda aquelas famílias que receberam a propriedade da terra “tem uma casa ali que a casa estar abandonada há pelo menos uns seis meses, o homem não vem esta pra Bolívia”, são famílias que ainda não se apropriaram de suas posses.

Percebe-se que a questão é delatar as condições que foram submetidas, “alguns disseram que estão passando necessidade e isso”. Ao contrario da vida nos seringais da Bolívia “aqui se a pessoa não trabalhar fora passa necessidade mesmo [...] não se tem de onde se tire nada”.

Nesta nova ordem o trabalho básico na propriedade deverá ser assumido pela mulher e outros dependentes da casa porque “aqui meu marido, filhos e o genro vão trabalhar fora em outra fazenda”. Assim, se a primeira expectativa era tornar esses sujeitos produtores rurais nesse momento os “homens” deverão vender sua força de trabalho o único bem que possuem visando “ganhar dinheiro e comprar mercadoria”. Nesse sentido, os seringueiros e pequenos produtores brasileiros retornados dos seringais bolivianos se tornaram trabalhadores em fazendas próximas onde “sempre tem serviço”. Qual o preço pago a esta mão-de-obra?

Neste momento, a mulher Francisca expõe a situação delicada dos retornados pois, o local de trabalho do filho “a fazenda, eu acho pouco o ganho é só R\$ 30.00 (trinta reais)” é o que equivale um dia de trabalho “sem almoço [e] no sol quente”, esta é a única forma de adquirir “dinheiro” em contrapartida “lá na castanha eles podem trabalhar fora para ganhar” mas, no PA Triunfo “agora não tem plantação nenhuma, nem para comer com a família”.

Se percebe que o ato de comparar as condições de vida e trabalho desse sujeito justifica o fato de alguns estarem “indo embora de novo para Bolívia, pela dificuldade”. Além de enfatizar que há entre esses sujeitos aquele “que gosta de lá, estão aqui reclamando demais”, as conversas que ouve dão conta que nos seringais bolivianos “não tem casas abandonadas” e quase como um sussurro Francisca finaliza sua análise do PA Triunfo com uma frase inacabada “sem agua, sem onde trabalhar e...”.

Portanto, as reflexões colocadas em perspectivas por Francisca, representante de outras mulheres e sujeitos que vivem ou viveram nos interstícios interamericanos e amazônicos dos rios Abunã e a Acre, permitem entrecruzar as complexas questões que envolvem o trabalhador no processo do retorno, entre outros, se evidencia que a decisão de sair não está unicamente ligada às implicações políticas, econômicas e sociais, mas também é uma decisão pessoal e, sua reposição no universo agrário acreano ainda implica pensar esses homens e mulheres como uma comunidade de destino.

### **Considerações finais**

Ao narrar sua trajetória Francisca Pinheiro Pinto, mostra um processo de reposicionamento da trabalhadora seringueira, visibilizada a partir do plantio a nova perspectiva assumida com o retorno de produtor rural.

As lembranças de situações de conversar entre os brasileiros nos seringais neste momento, Francisca, traduz a posição das “mulheres” naquele espaço como um sujeito participando das ocasiões cotidianas que afligiam a todas as famílias, contudo, ela “só ficava sabendo das conversas”. Ao se posicionar quanto à forma de participação dos brasileiros nos castanhais nos mesmo espaço dos bolivianos “mas, os seringueiros iam quebrar que castanha se [...] no castanhal já tinha uns dez a quinze bolivianos quebrando castanha”, demonstra que sua narrativa coloca uma situação de conflito velado nesta fronteira, mas, expõe uma questão mais ampla do trabalhador boliviano que durante mais de cinco décadas não se fez presente nesta região.

Ali, o estabelecido se concretiza, “ficamos” representando a segurança do direito a terra e moradia negada por anos aos seringueiros brasileiros na Bolívia, haviam chegado e por vários anos em naquela geografia esquecida, agora, era possível dormir “[...] todo mundo cansado [...] os colchões velhos pelo chão [...]” o descanso dignamente merecido ao retirante em retorno, agora, com direito de exercer sua cidadania brasileira.

Contudo, após a organização inicial do local o quadro familiar tão importante dos tempos do seringal na Bolívia, Francisca investe aos responsáveis pelo assentamento das famílias brasivianas, quanto à permanência do grupo pois, os “dois filhos ainda estavam lá [...] Bolívia [...] Meus filhos estão novamente pertinho de mim”. Isso implica refletir que a unidade familiar se constituiu como uma forma estratégia aos diversos enfrentamentos no interior da Bolívia, entre outras, possibilitou as famílias brasileiras conservar a cultura do país de origem em além-fronteiras.

Entretanto, consolidada a primeira etapa no processo de reposicionamento do rearranjo da migração direcionada havia outros enfrentamentos a serem vencidos, entre eles estavam os bens adquiridos nos anos de trabalho nos seringais bolivianos “três canoas e três motores” que agora sem uso se desvalorizavam “agora as canoas [...] lá na beira do rio Abunã apodrecendo”, Francisca reconhecia que neste “novo” espaço se tornaram bens de pouco valor “meu marido está tentando vender, mas só encontrou pessoas que querem pagar pouco” e finaliza sua narrativa com uma frase que reflete uma situação posta pelo retorno “[...] É prejuízo, eu penso a gente sair assim sabia?”.

## Referências

1. LIMA, Geórgia Pereira. “**Brasivianos**”: culturas, fronteiras e identidade. Universidade de São Paulo, 2014.
2. PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo, Letras e Voz, 2010.
3. PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo : Letras e Voz. 2016.

Fontes:

4. Francisca Pinheiro Pinto, **entrevista** cedida em 2012;
5. **Projeto de Assentamento Triunfo**, INCRA/Ac, 1989.